

Ulysses Pernambucano: o enamorado da liberdade

Ulysses Pernambucano: the man in love with freedom

Walter Melo *

RESUMO:

O texto faz uma breve exposição da trajetória profissional de Ulysses Pernambucano, apresentando sua obra e seus posicionamentos quanto ao tratamento de doentes mentais. Os autores analisam seu trabalho, situando-o dentro do contexto da psiquiatria, da psicologia e da educação brasileiras da primeira metade do século XX. Destaca que a luta de Pernambucano para a transformação do atendimento psiquiátrico transformou-o em um mito na história psiquiátrica brasileira. Aponta também que foi Ulisses Pernambucano o fundador do primeiro Instituto de Psicologia do Brasil, situado em Recife, onde foram feitas as primeiras adaptações e padronizações de testes para a realidade brasileira. Além da vida profissional, o texto mostra também as perseguições que sofreu pelo Estado ditatorial de Vargas, o que acabou acarretando o seu falecimento, ainda jovem, em 1943.

Palavras-chave: Ulysses Pernambucano, psiquiatria, psicologia.

ABSTRACT:

The paper briefly presents the professional trajectory of Ulisses Pernambuco, presenting his work and his opinions about the treatment of patients with mental illness. The authors analyze his work, placing it in the context of Brazilian Psychiatry, Psychology and Education of the first half of the 20th century. The paper highlights Pernambuco's fight for the transformation of psychiatric service, what turned him into a myth in Brazilian psychiatric history. It also points out that Pernambuco was the founder of the first Brazilian Institute of Psychology, placed in Recife, where the first tests adaptations and standardization to Brazilian reality were done. Besides Pernambuco's professional life, the paper also presents the fact that he was pursued by Getúlio Vargas' dictatorship, which led to his death in 1943, when he was still young.

Key-words: Ulysses Pernambucano, psychiatry, psychology

“Não se iludam: a menos de uma letra, de um ponto, de um sinal qualquer, sempre estamos mentindo”.
(Jérôme Jabin *apud* Rodrigues, 1993)

Quando uma pessoa assume responsabilidades frente à coletividade e, em curto espaço de tempo, consegue levá-las a cabo, costuma-se, aos poucos, criar uma aura mítica ao seu redor. Esta pessoa passa a ser descrita como *grande, sábio, mestre, esplêndido, incomparável, inesquecível, símbolo, modelo* etc. E quando, por estes atos a favor da coletividade, a pessoa passa a ser perseguida, referem-se a ela como *vítima expiatória*. Esta pessoa vira um *herói*: “Sob a forma humana visível não se procura o homem, mas o super-homem, o herói ou o deus, justamente o ser *semelhante* ao homem, que exprime aquelas idéias, formas e forças que comovem e moldam a alma humana” (JUNG, 1989, p. 163).

Ulysses Pernambucano costuma provocar este deslumbramento nas pessoas que o conheceram. Referem-se a ele como o *Pinel de Pernambuco*,¹ como “o Psiquiatra Símbolo” (CARVALHO, 1978, p.10). A presença de tantas qualidades reunidas em uma única pessoa só se pode explicar pelo fato de ser ela um dos escolhidos dos deuses: “É até possível que o nome de ressonância mítica se tenha, misteriosamente, impregnado de tintas homéricas” (LIMA, 1978, p.

25). No entanto, nosso breve estudo sobre a obra de Ulysses Pernambucano não o tomará como um modelo, um padrão a ser copiado; mas, antes, como um “acontecimento forjado por redes de forças, ou circunstâncias” (RODRIGUES, 1998, p.152). Portanto, levantaremos os dados históricos acerca de Ulysses Pernambucano a fim de trabalhar na tensão entre a atitude de fazer reviver este personagem de nossa história e a intenção de tornar pensáveis as nossas práticas educacionais, psicológicas e psiquiátricas. Não nos contentaremos com um ato de desvendamento da realidade, mas, sem renunciarmos aos chamados *atos históricos*, iremos interpretá-los como resultados “de uma práxis, porque ela já é o signo de um ato e, portanto, a afirmação de um sentido”(De CERTEAU, 1982, p. 41).

Uma série de instituições foram transformadas sob a administração de Ulysses Pernambucano e outras tantas foram por ele fundadas.² Suas ações se deram no campo político, educacional, psicológico e, principalmente, psiquiátrico. Neste, efetuou duas reformas: uma de 1924 a 1926, quando transformou o Hospital de Alienados da Tamarineira, com seus calabouços e camisas de força, num local de tratamento (LASCIO, 1945; FREYRE, 1945); outra de 1931 a 1935, quando, além das reformas e melhorias materiais, estabeleceu a internação apenas para os quadros agudos, criando, para os demais casos, outros departamentos (LASCIO, 1945; LUCENA, 1945). Portanto, para o sistema psiquiátrico de Pernambuco, assim como para toda a região Nordeste, Ulysses Pernambucano foi um marco: “Quem analisar o sistema empregado no tratamento e na assistência aos insanos, no nordeste, há de constatar duas épocas bem distintas: uma antes; outra depois de Ulysses” (MORAIS, 1945, p. 270).

Ulysses Pernambucano nasceu em Recife, em 1892, formando-se em medicina no Rio de Janeiro, em 1912. Entre os anos de 1913 e 1917 trabalhou como clínico geral em cidades do interior.³ Após este percurso, voltou para sua terra natal com fama de ter sido conduzido, no campo da ciência, pelas mãos de três mestres: Juliano Moreira, Antônio Austregésilo e Fernandes Figueira.⁴

Juntou-se a isso sua preocupação pelos problemas sociais, talvez fruto de seus trabalhos como clínico geral no interior do Brasil, e seu gosto pelas novidades no campo da psicologia, notadamente os testes de inteligência e a psicanálise. Diz José Lins do Rêgo:

“Ele [Ulysses] vinha senhor da ciência do seu tempo, de tudo que de mais moderno havia, não só no tratamento da doença, mas no que existia de procura e pesquisa psicológica. A ciência que ele tomava para base de seus estudos, era coisa de profundidade. O mestre Ulysses já era uma realidade nos começos de sua carreira”. (1945, p. 289-290)

Antes de empreender as reformas, Ulysses já dera mostras de que sua responsabilidade como médico era servir aos doentes. Em 1919, três órfãs, ao discordarem dos métodos empregados pelas freiras de um estabelecimento de caridade, são colocadas no Hospital da Tamarineira, com o intuito de serem punidas. O jovem médico, que havia retornado a Recife em 1917, após concluir seus estudos no Rio de Janeiro, vai aos jornais e denuncia o escândalo. Essa atitude em defesa dos doentes permanecerá até o fim de sua vida, como podemos ver no texto de sua última palestra, em 1943:

“O psiquiatra é o protetor do doente mental. Essa função é inerente à sua pessoa. Quando um governo nomeia um diretor para um hospital de psicopatas não faz um funcionário de sua confiança. Designa antes um curador nato para esses doentes, defensor de seus direitos a tratamento

humano, a alimentação sadia, a cuidados de enfermagem, à dedicação dos médicos””. (apud LASCIO, 1945, p. 255)

Cinco anos depois de sua luta pelos direitos das órfãs, passa a dirigir o Hospital de Alienados da Tamarineira, transformando esta “ferida aberta no arrabalde bonito” (RÊGO, 1945, p. 290) no primeiro pólo de *psiquiatria social* do Brasil (RÊGO, 1945; LUCENA, 1978; FREYRE, 1978). Sua preocupação encontrava-se nas “repercussões sociais da doença mental” (RIBEIRO, 1945, p. 246). Desta forma, apesar de ter recebido uma orientação “clínico-biológica Kraepeliniana” (LUCENA, 1978, p. 148), situa, de maneira inovadora, a partir de seu intercâmbio de idéias com Gilberto Freyre - com suas perspectivas sociológicas e antropológicas - e Amaury de Medeiros - em suas reformas na Saúde Pública -, “os problemas individuais em conexão com a coletividade” (LIMA, 1978, p. 27). Estes fatores interpessoais e socioculturais foram levados em conta também no campo da prevenção, em que, através da ação das visitadoras - personagens semelhante às atuais assistentes sociais -, buscou-se um trabalho em conjunto com a comunidade (LUCENA, 1978; SILVEIRA, 1992).

No dia quinze de janeiro de 1925, cria, a partir do apoio do governo do Estado, o primeiro Instituto de Psicologia do Brasil. Dessa forma, as pesquisas psicológicas, antes empreendidas de maneira isolada, ganharam força e continuidade. Seu objetivo, inicialmente, era medir o nível intelectual da população de Pernambuco. Para tanto, vários testes de inteligência e de aptidão foram estandarizados, tendo destaque especial a meticulosa revisão da escala de Binet-Simon, levada a cabo durante dez anos, em colaboração com Anita Paes Barreto (CAMPOS, 1945).

Estas experiências comprovaram um quadro assustador: a existência, em Pernambuco, de um grande número de deficientes mentais. Mais tarde, a partir destes dados, criou a Escola para Anormais (CAMPOS, 1945), nome que não recebeu a aprovação de Helena Antipoff, por estar impregnado de preconceito social. Considerando o termo “anormal” como impróprio, Antipoff substituiu-o por “excepcional”.⁵ Sua sugestão era não se tomar como foco o tipo de aluno que se pretende estudar, mas sim “a qualidade de tratamento a que os submeterá” (ANTIPOFF, 1992, p. 142).⁶

No campo da educação, Ulysses Pernambucano dirigiu as duas principais instituições de Recife, a Escola Normal Oficial e o Ginásio Pernambucano, inspirado pelos ideais da Escola Nova (MORAIS, 1945; LUCENA, 1978). Este movimento pedagógico, de grande importância na história da Educação no Brasil, baseava-se em preceitos liberais, lutando pelo “ensino público e gratuito, sem distinção de sexo” (FAUSTO, 1996, p. 339).

Em 1931, Ulysses Pernambucano coloca em prática aquela que será a sua maior contribuição para o campo da psiquiatria: a reforma da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. A assistência psiquiátrica, em sua época, estava demarcada pelo sistema hospitalocêntrico.⁷ A partir da reforma, o Hospital da Tamarineira ficará com o tratamento, através de internação, apenas dos quadros agudos. Outros departamentos foram, então, criados: a Colônia de Crônicos de Barreiros, para tratamento, através da praxiterapia, de pessoas institucionalizadas; o ambulatório; o Serviço Aberto (Hospital Correia Picanço, atual Centro de Saúde Albert Sabin) - tornando possível, “pela precocidade da atuação terapêutica, uma maior eficiência na prevenção” (LUCENA, 1978, p. 161); o Serviço de Higiene Mental, com o objetivo de divulgar os estudos, de fazer levantamentos estatísticos acerca das doenças mentais em todo o Estado, além de intensificar o trabalho da assistência social. A este último, foi anexado o Instituto de Psicologia.⁸

Esta experiência empreendida por Ulysses Pernambucano foi utilizada como base para que o Serviço Nacional de Higiene Mental montasse um plano de ação. Este teve Aduino Botelho como coordenador e apresentava quatro propostas: a) um serviço de profilaxia, onde são incluídos o setor de psicologia, de assistência social, o ambulatório e o dispensário; b) serviço fechado para quadros agudos e serviço aberto na tentativa de “suplantar na marcha da psiquiatria os grandes hospitais fechados” (LUCENA, 1945, p. 230); c) um instituto de neuro-psiquiatria infantil; d) um setor de pesquisas, uma colônia agrícola, um centro de orientação psicológica e um manicômio judiciário (LIMA, 1978).

Este plano, porém, não foi totalmente colocado em prática. Dois exemplos podem ilustrar este ponto: no Rio de Janeiro, na década de cinquenta, Nise da Silveira lança a idéia da criação de um serviço aberto no Centro Psiquiátrico Pedro II, proposta recusada (SILVEIRA, 1986); na década de oitenta, Luiz Cerqueira, um dos principais discípulos de Ulysses Pernambucano, ainda reclamava da psiquiatria centrada na hospitalização (CERQUEIRA, 1984).⁹

Pouco antes de Ulysses Pernambucano promover uma transformação na assistência psiquiátrica de Pernambuco, outra transformação havia ocorrido, agora no campo político brasileiro - a Revolução de 1930. Esta estourou em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul no dia três de outubro, subindo Getúlio Vargas ao poder através de ações militares - em Pernambuco, as tropas de Getúlio, comandadas por Juarez Távora, tiveram apoio da população. Getúlio Vargas contava, para garantir seu governo, com dois suportes: “no aparelho de Estado, as Forças Armadas; na sociedade, uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana” (FAUSTO, 1996, p. 327).

A busca era pela modernização do país, e esta se daria através do autoritarismo. Esta via se fazia necessária a fim de tentar barrar o fantasma do comunismo - um dos dois partidos de base nacional, embora clandestino; o outro estava dentro da lei, a Ação Integralista, partidária de idéias nazi-fascistas (FAUSTO, 1996).

A Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado, assentava-se nos princípios “Deus, Pátria e Família” e identificava-se com os ideais fascistas. Criou-se, desta forma, um antagonismo que perdurou por toda a década de trinta: de um lado, integralistas; de outro, comunistas. Segundo Costa (1976), este contexto cultural influenciou de maneira decisiva as teorias psiquiátricas. Em 1923, Gustavo Riedel inaugura a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), com o objetivo de transformar a assistência psiquiátrica. Já em 1926 surgem mudanças no estatuto desta instituição, visando “à prevenção, à eugenia e à educação dos indivíduos” (p. 28). O movimento de Higiene Mental, que se limitava à aplicação dos conhecimentos psiquiátricos, inverte os papéis, passando a ser uma teoria geral que norteará a prática. Esta mudança encontrava sua justificativa na noção de eugenia, ou seja, no pressuposto de que se possam controlar fatores sociais para que se consiga elevar ou rebaixar, física ou mentalmente, as características da raça. No Brasil, o pouco desenvolvimento alcançado até então era explicado pelo clima desfavorável e pela mistura racial, tornando-nos “inferiores”. Desta maneira, teríamos ficado preguiçosos, com pouca inteligência e indisciplinados. “Infelizmente nada podia ser feito contra o clima. Em contrapartida, o problema racial ainda podia ser resolvido” (p. 31). O racismo ganhava, assim, estatuto científico.

Em 1931, Renato Kehl funda a Comissão Central Brasileira de Eugenia, propondo medidas que ultrapassam qualquer preocupação psiquiátrica, como a esterilização sexual como método de prevenção e, se possível, de erradicação das doenças mentais. Estas idéias influenciaram de maneira decisiva uma mudança nos estatutos da LBHM. A partir de 1934, esta instituição tornou-se oficialmente racista. No entanto, Ulysses Pernambucano, um homem de ideais democráticos, não poderia de forma alguma concordar com tais teses fascistas (ANDRADE, 1945). Com um

posicionamento completamente contrário aos que ganhavam força na LBHM, Ulysses Pernambucano funda, em 1933, a Liga de Higiene Mental de Pernambuco, totalmente independente da LBHM. Sua intenção era “fazer a Comunidade participar da ação para a Saúde Mental” (LUCENA, 1978, p. 168).

Uma das primeiras ações da nova Liga foi arrecadar fundos para a criação da Escola para Excepcionais. Outra atitude, esta mais polêmica, foram seus estudos dentro de terreiros de candomblé (RÊGO, 1945; FREYRE, 1978; BASTOS, 1992; AUGRAS, 1995). Antes desta ação de Ulysses Pernambucano e de seus colaboradores, principalmente René Ribeiro, estes cultos estavam sob o controle da polícia; depois, ao conquistarem um avanço através da suavização do controle por parte da polícia, poderiam conseguir uma licença para funcionamento, desde que estivessem registrados no Serviço de Saúde Mental (LUCENA, 1978). Ulysses Pernambucano e Gilberto Freyre realizaram, em 1934, o I Congresso Afro Brasileiro, qualificando a cultura negra, desta forma, como válida e não como inferior.¹⁰

Em 1935, dois incidentes mudam de maneira radical a vida de Ulysses Pernambucano: a) promove, em parceria com Luiz Cerqueira, uma investigação sócio-econômica sobre as condições de vida dos operários das usinas de açúcar de Pernambuco; b) recusa-se a dar informações a órgãos do governo sobre um interno suspeito de ações consideradas subversivas. Ulysses entrava, dessa forma, para o *index* do Estado Novo. É preso por quarenta dias na imunda Casa de Detenção do Recife, sendo aposentado compulsoriamente (FREYRE, 1945; BASTOS, 1992). A partir deste momento, são freqüentes os inquéritos policiais (CERQUEIRA, 1978), pois, dentro da perspectiva estatal de repressão, são criados órgãos como a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo. Esta deveria “investigar a participação de funcionários públicos e outras pessoas em atos ou crimes contra as instituições políticas e sociais” (FAUSTO, 1996, p. 362). E, para garantir a punição dos presos, estabeleceu-se um órgão judiciário específico, subordinado ao governo: o Tribunal de Segurança Nacional.

Ainda em 1935, morre o colaborador mais próximo de Ulysses Pernambucano, Gildo Neto. Todos estes fatos, com certeza, concorreram para o seu adoecimento. Em setembro de 1936 sofre o primeiro infarto do miocárdio: “Sabemos nós todos, quão atribulados foram os seus dias, após a revolução, e como o fizeram padecer os seus perseguidores, concorrendo, possivelmente, para a terrível doença que o vitimou tão precocemente” (MACIEL, 1945, p. 266). Ulysses Pernambucano morre, em 1943, sem ver o fim do Estado Novo; porém, mesmo preso e perseguido, ficou na memória como o *enamorado da liberdade* (ANDRADE, 1945, p. 240).

“*Vita somnium breve*”.

PEQUENA CRONOLOGIA DE ULYSSES PERNAMBUCANO

Nasce em Recife/PE no dia 6 de fevereiro de **1892**; neste mesmo ano, nasce na Rússia Helena Antipoff.

No dia 30 de dezembro de **1912**, forma-se em medicina no Estado Rio de Janeiro, tendo seu trabalho de conclusão o seguinte título: *Algumas manifestações nervosas da Héredo-Sífilis*.

Entre **1913** e **1917** trabalha como clínico geral nas cidades de Vitória de Santo Antão/PE e Lapa/PR.

Em **1917** retorna a Recife, indo trabalhar no Hospital da Tamarineira, começando neste mesmo ano a ministrar seus cursos de psicologia.

Participa, em **1918**, do concurso para professor catedrático de psicologia da Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco, obtendo o primeiro lugar com o trabalho *Classificações das crianças anormais*, sendo preterido em favor do segundo colocado; porém, neste ano, obtém a cátedra de psicologia do Ginásio Pernambucano.

Em **1919**, três órfãs são internadas no Hospital da Tamarineira a fim de serem punidas, e Ulysses Pernambucano escreve contra este absurdo nos jornais da cidade.

De 17 de abril de **1923** a 7 de abril de **1927** dirige a Escola Normal Oficial, promovendo reformas a partir do referencial da Escola Nova; em 1923 é fundada por Gustavo Riedel, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM).

De **1924** a **1926** dirige o Hospital de Doenças Nervosas e Mentais (Hospital de Alienados da Tamarineira).

Em **1925** cria o primeiro *Instituto de Psicologia* do Brasil, onde se fez a revisão da escala métrica Binet-Simon.

Entre **1926** e **1928** dirige, com práticas modernizadoras, o Ginásio de Pernambuco.

Em **1929**, ano de chegada de Helena Antipoff ao Brasil, o Instituto de Psicologia é anexado à Secretaria da Justiça e Instrução e muda de nome para Instituto de Seleção e Orientação Profissional.

No dia 3 de outubro de **1930** estoura, em Minas Gerais e Rio Grande do Sul, a Revolução, fazendo Getúlio Vargas subir ao poder (4/10/1930); no dia 6 é nomeado Interventor Federal em Pernambuco, Carlos Lima Cavalcanti.

A partir do dia 16 de maio de **1931** volta a dirigir o Hospital da Tamarineira, reformando totalmente a Assistência a Psicopatas de Pernambuco.

Em **1933** funda a Liga de Higiene Mental de Pernambuco, totalmente independente da LBHM.

Adauto Botelho cria, em **1934**, o plano de um Serviço Nacional de Higiene Mental junto ao Departamento Nacional de Saúde, baseando-se na reforma promovida por Ulysses Pernambucano; neste mesmo ano ocorre o encontro entre Ulysses Pernambucano e Luiz Cerqueira.

Em **1935** morre Gildo Neto, um de seus principais colaboradores, e é obrigado a encerrar suas tarefas administrativas após ser preso pelo governo de Getúlio Vargas, acusado de subversivo.

Em **1936** sofre seu primeiro infarto do miocárdio, e funda o Sanatório Recife, um estabelecimento particular.

Funda, em **1938**, a revista *Neurobiologia*, assim como a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste (atualmente do Brasil).

Em **1943** participa do 3º Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste; falece no dia 5 de dezembro do mesmo ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, G. - "Discurso do Dr. Geraldo de Andrade, representando a Academia Nacional de Medicina". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- ANTIPOFF, H. - "A Função Social da Assistência às Crianças Excepcionais". Em: *Coletânea das Obras de Helena Antipoff*. Vol. III. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992.
- AUGRAS, M. - *Psicologia e Cultura*. Rio de Janeiro: NAU, 1995.
- BASTOS, O. - "A Atualidade de Ulysses Pernambucano". Em: *Neurobiologia*, vol. 55, n. 1, 1992.
- CAMPOS, A. - "Discurso da srta. Alda Campos, 1ª auxiliar do Instituto de Psicologia". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.

- CARVALHO, G. C. - "Discurso do Prof. Costa Carvalho representando a Faculdade de Medicina do Recife". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- _____ - "Palavras Iniciais". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- CERQUEIRA, L. - "Ulysses Pernambucano, meu Mestre". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- _____ - *Psiquiatria Social*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.
- COSTA, J. F. - *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.
- COUTO, G. et al - "A Experiência de Pernambuco na Área de Reabilitação Psicossocial". Em: Pitta, A (org.), *Reabilitação Psicossocial no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- DE CERTEAU, M. - "Fazer História". Em: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- DI LASCIO, A. - "Discurso do dr. Arnaldo Di Lascio, pela Escola Neuropsiquiátrica do Recife". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- EWALD, A. - "Philippe Pinel: a genealogia de um mito". Em: *Psicologia e Práticas Sociais*. Vol. I, n. 3, Rio de Janeiro: 1993.
- FAUSTO, B. - *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- FREYRE, G. - "Ulysses". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- _____ - "Sobre Ulysses Pernambucano". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- JUNG, C. G. - *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- LIMA, J. F. - "Ulysses Pernambucano". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- LUCENA, J. - "Necrológio do Prof. Ulysses Pernambucano". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- _____ - "Ulysses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Social". Em: *Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- MACIEL, J. - "Discurso do dr. José Maciel, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- MORAIS, L. - "Discurso do dr. Luciano de Moraes, diretor da Assistência a Psicopatas da Paraíba". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- RÊGO, J. L. - "O Mestre Ulysses Pernambucano". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945
- RIBEIRO, R. - "Discurso do Dr. René Ribeiro, representando a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil". Em: *Neurobiologia*, tomo VIII, n. 4, Recife: 1945.
- RODRIGUES, H. de B. C. - *As Subjetividades em Revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Dissertação de mestrado. IMS/UERJ, 1993.
- _____ - "Um Anarquista Catalão: aventuras do freudo-marxismo na França". Em: *Cadernos de Psicologia*. N. 8, Rio de Janeiro: 1998.
- SILVEIRA, N. (org.) - *Casa das Palmeiras: A Emoção de Lidar*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.
- _____ - *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

* Mestrando em Psicologia Clínica - PUC/RJ; supervisor de psicologia do S.O.S. - Direitos e Deveres em Saúde Mental/Instituto Franco Basaglia.

¹ A comparação com Pinel, comemorado como o homem que livrou os loucos das correntes, serve para reforçar esta idéia de figura heróica: "A figura de Philippe Pinel está envolta numa aura que lembra a figura de alguém prestes a ser canonizado. Ao fazermos referência ao seu nome, generosidade, bondade e humanitarismo surgem imediatamente como sinônimos do seu papel na história da loucura" (EWALD, 1993, p. 17).

² Conferir na cronologia em anexo.

³ Conferir na cronologia em anexo.

⁴ O professor Costa Carvalho, da Faculdade de Medicina do Recife, durante discurso proferido após um ano da morte de Ulysses Pernambucano, chega ao absurdo de dizer, dentro do espírito de exageros que se cometem em momentos de homenagem, que “depois de Ulysses Pernambucano, já nada há incógnito no domínio da especialidade” (CARVALHO, 1945, p. 242).

⁵ Verificar o texto *Educação para a Liberdade: um Projeto de Helena Antipoff*, de Pinto e Jacó-Vilela, neste mesmo volume.

⁶ O primeiro encontro de Ulysses Pernambucano e Helena Antipoff se deu no ano de chegada desta ao Brasil, em 1929.

⁷ Após a morte de Ulysses Pernambucano, a assistência psiquiátrica tomou novamente como centro a internação em grandes hospitais. Estes fatos começaram a ser revistos a partir de 1991, quando se introduziu a noção de *reabilitação psicossocial* na assistência de Pernambuco. Este movimento está de acordo com as concepções de Ulysses Pernambucano (COUTO et al, 1996).

⁸ Estava prevista também a criação de um Manicômio Judiciário; no entanto, por falta de verba, este nunca saiu do papel.

⁹ Na década de oitenta, foi criado um serviço aberto no Centro Psiquiátrico Pedro II para atender pessoas em primeira crise - a *Casa d'Engenho*. E em 1989 o deputado Paulo Delgado apresenta o projeto de lei nº 3657, dispondo sobre a progressiva extinção dos manicômios e sua substituição por outros dispositivos de tratamento. A justificativa para este projeto, que deu grande impulso para o *Movimento de Luta Antimanicomial*, está no fato de o tratamento centrado na internação psiquiátrica ter se mostrado inadequado.

¹⁰ Com o afastamento de Ulysses Pernambucano do serviço público, em 1935, “os “xangozeiros” voltaram a ser perseguidos” (AUGRAS, 1995, p. 121).